

**A MULHER NO ESPAÇO DO FUTEBOL: UM ESTUDO  
PARTIR DE MEMÓRIAS DE TORCEDORAS COLORADAS**

MÁRCIA CRISTINA FURTADO ECOTEN\*

**Futebol no Brasil**

O final do século XIX e início do século XX, no Brasil, pode ser caracterizado como um período de efervescência em diversos setores da sociedade. Numa primeira observação da realidade da época, poderíamos nomear o novo sistema de governo, a República, como a grande causadora de tamanha efervescência, mas segundo alguns autores, a República trouxe mudanças para a Constituição Brasileira e suas instituições, mas acabou se tornando mais uma das transformações sem grandes mudanças na história do país. A inspiração da *Belle Époque*, a imigração, a crescente industrialização e ainda, o desenvolvimento das cidades são algumas das transformações realmente marcantes.

Um dos principais pontos destas mudanças é o crescimento demográfico, pois a taxa de população brasileira teve um aumento acentuado, especialmente pelo número de imigrantes europeus, que migraram para o Brasil. Segundo Aquino, “calcula-se que a população brasileira saltou de cerca de 17.300.000 habitantes, em 1900, para 22.050.000 em 1910” (AQUINO, 2000: p. 215).

Estas modificações na sociedade estavam associadas a transformações econômicas, que contribuíram para o crescimento e dinamização da vida urbana. Essa crescente urbanização mudaria o estilo de vida e a sociedade, que até então era caracterizada pelo predomínio do campo sobre a cidade, afinal, quem ditava os rumos da economia brasileira era o café, as oligarquias rurais dominavam o controle do Estado, e o eixo Rio-São Paulo-Minas destacava-se na vida republicana.

A partir deste crescimento populacional e urbano, os novos moradores das cidades passaram a procurar também novas formas de divertimento. As classes mais populares, mesmo sob o

---

\* Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Mestra em Educação, Licenciada em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

controle das autoridades republicanas, praticavam o candomblé, a capoeira, as festas religiosas, o carnaval, como forma de diversão. Tais práticas eram combatidas pelas autoridades, mas estas classes sabiam usar de astúcia para fugirem de um confronto direto.

Os segmentos sociais com rendimentos mais altos tinham uma gama maior de eventos. O principal divertimento para eles era o teatro, onde eram apresentados diversos gêneros de atrações, desde óperas a alegres comédias.

Aos poucos, outra forma de lazer se difundia, o cinema. Aquino nos mostra que algumas salas, antes da sessão, “chegavam ao requinte de colocar orquestras na sala de espera tocando valsas francesas, trechos de operetas e chorinhos de Chiquinha Gonzaga”. Os filmes apresentados eram documentários, filmes estrangeiros e nacionais, geralmente de curta duração.

Outra modalidade de diversão das classes mais abastadas, especialmente no Rio de Janeiro e nas cidades litorâneas, era assistir às regatas, que levavam multidões à beira-mar para acompanhar as disputas. A popularidade do remo era tanta, que duas das principais associações esportivas do país surgiram ligadas e a este esporte: o Clube de Regatas Flamengo (1895) e o Clube de Regatas Vasco da Gama (1898), clubes que mais tarde, se tornariam também clubes de futebol.

O futebol passou a ser praticado e assistido no Brasil, oficialmente, a partir 1894, mas alguns estudos dizem que o esporte já existia por aqui, e que partidas já haviam sido disputadas entre 1874 e 1894. Aquino nos mostra algumas características dos torcedores da época, confirmando o caráter, até então, elitista que o esporte tinha na época.

*Na assistência, mulheres, em sua maioria jovens, de sombrinha, chapéus grandes e vestidos de cintura apertada, torciam, dando pequenos gritos ou apertando o lençinho nas mãos. Daí o nome de torcedor. Os homens, sós ou acompanhados, de chapéus de palha, muitos com vastos bigodes e suíças, fraques com calças listradas e até mesmo grossas bengalas. Muitas vezes fumavam charutos, mais caros ou mata-ratos, vendidos a preços populares (AQUINO, 2000: p. 220).*

Este esporte, que chegou ao país no final do século XIX, no início, era praticado especialmente por filhos de uma aristocracia urbana, descendentes de europeus, que frequentemente viajavam à Europa. Foi o que aconteceu com Oscar Cox, no Rio de Janeiro, e

com Charles Miller, o chamado “pai do futebol” no Brasil. O brasileiro, filho de ingleses, após uma viagem à Inglaterra, em 1894, teria retornado à sua terra natal trazendo duas bolas e o manual contendo as regras e ensinando o futebol.

Na virada do século XIX para o século XX, o futebol era um esporte completamente elitista, praticado somente pela burguesia brasileira, assim como o remo e o turfe. A época vivida era a da *Belle Époque*, já denominada anteriormente, onde havia uma idolatria aos símbolos e costumes europeus, o que deve ter facilitado a aceitação do novo esporte em terras brasileiras.

*Em 1893, quando foi definitivamente batizado, o Football Association era praticado quase que exclusivamente por rapazes ricos e nobres. Assim, o jogo que chegou ao Brasil em outubro do ano seguinte, pelos pés de Charles Miller - um jovem paulista, filho de ingleses - era um esporte tipicamente elitista. Em sua maioria, os times que se formaram então reuniam técnicos e engenheiros ingleses (GONÇALVES, 1985: p. 21).*

Needel, em seu estudo sobre a *Belle Époque*, nos mostra que há uma relação direta entre a criação dos clubes de futebol e o desejo de estabelecimento de um convívio social da elite (NEEDEL, 1993). A partir desta citação podemos entender mais claramente porque os principais elementos do esporte tinham um viés britânico de civilidade. Como exemplo desta influência europeia, podemos citar as denominações, todas em inglês, como por exemplo, escanteio era *corner*, zagueiro era chamado de *beck*. Até mesmo o nome dado ao esporte manteve-se por algum tempo em inglês: *Foot-Ball*.

*[...] enquanto (o futebol) era um 'jogo fino', a partida de futebol era chamada de meeting, um lazer portanto, que trazia consigo a ideia de reunião, de conagração (...), sendo, na verdade, um esporte de exclusão dos extratos mais carentes da população. Quando, finalmente o futebol passa a ser praticado (...) pelo grande público, a partida (...) passa a ser chamada de racha (que traz consigo um sentido de divisão), sugerindo um lazer violento e desordeiro que, aliás, não se harmonizava com o tão almejado cotidiano 'civilizado' (HERSCHMANN e LERNER, 1993: p.48).*

Inicialmente, o futebol era praticado em clubes mais aristocráticos. Aos poucos, imigrantes portugueses, italianos e alemães passaram a organizar seus times e disputaram partidas contra os times de ingleses.

Os trabalhadores, neste período, tinham um papel apenas de torcedores, pois eram levados para assistirem partidas disputadas entre companhias diferentes. Como na época o número de

torcedores era reduzido, eram estes trabalhadores que faziam às vezes de “torcedores” do time que representava a sua companhia.

Dadas estas informações, podemos afirmar que a popularização da prática do futebol está diretamente relacionada com a industrialização, pois, aos poucos, as indústrias incentivaram as práticas esportivas junto aos operários, especialmente o futebol. Com isso, o esporte começa a ser praticado por brasileiros e imigrantes, estudantes e operários das indústrias. Sobre a incorporação de jogadores brasileiros aos times de futebol, Gonçalves nos dá a seguinte explicação:

*O processo de assimilação de jogadores nativos pelo incipiente futebol que se praticava no Rio, em São Paulo e Porto Alegre, cumpriu três etapas bastante nítidas: a inclusão de jogadores brasileiros (geralmente jovens estudantes que haviam aprendido a jogar bola em universidades europeias) em equipes formadas por estrangeiros residentes no país; a formação de times próprios por jogadores vindos das chamadas elites caboclas; e os primeiros times de várzea precariamente organizados por operários (GONÇALVES, 1985: p. 22).*

A primeira equipe de futebol formada no Brasil foi o São Paulo Athletic Club, fundada pelo próprio Charles Miller. Oficialmente, o primeiro clube de futebol brasileiro foi o Sport Club Rio Grande, da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Em homenagem a ele, em 1976, a antiga Confederação Brasileira de Desportos (atual Confederação Brasileira de Futebol - CBF), instituiu a data de fundação do clube, 19 de julho, como o “Dia do Futebol”. A primeira entidade dirigente do esporte foi a Liga Paulista de Futebol, fundada em 1901.

O primeiro confronto entre paulistas e cariocas ocorreu em 1901, entre o clube paulista, Sport Club Internacional, fundado em 1899, e o carioca Rio Team (1901). O jogo terminou empatado em 1 x 1. Com o empate, foi realizado outro jogo um dia depois, que teve novo empate, desta vez em 2 x 2. Em 1902, foi realizado o primeiro campeonato oficial no Brasil, o Campeonato Paulista de Futebol, o campeão foi o extinto São Paulo Athletic Club.

Aos poucos as equipes de futebol se proliferaram em todo o país. Em 1902, no Rio de Janeiro, foi fundado o Fluminense Football Club. A partir de 1904 houve um aumento significativo no número de equipes de futebol, surgiram clubes que estão em atividade até hoje, como o Botafogo e o América, no Rio de Janeiro. Em 1905, em Pernambuco, surgiu o Sport Club Recife.

Em 1909, em Porto Alegre/RS, três paulistas, da família Poppe, fundaram o Sport Club Internacional. O nome foi dado em homenagem ao time que os comerciantes paulistas torciam em São Paulo, e que havia sido campeão paulista em 1907.

A capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, se desenvolveu ao longo do século XIX, especialmente pelo grande número de imigrantes estrangeiros que se mudaram para a cidade em busca de melhores condições de vida, trabalho e lazer. Na época da implementação da República, Porto Alegre era uma cidade em desenvolvimento, e que precisava de melhorias.

*Porto Alegre era, nesta época, uma cidade em crescimento, a atrair a atenção das autoridades e também dos cidadãos. Era preciso transformar a cidade, resolver os seus problemas, enfrentar os desafios que se antepunham. O governo republicano, de inspiração ideológica positivista, norteava-se pelo princípio da manutenção da ordem para obtenção do progresso. A tradução local desta divisa para a gestão urbana implicava, necessariamente, a modernização da cidade. As elites iriam conduzir esse processo, apostando na conservação de uma ordem social e almejando o progresso econômico da urbe [...] (PESAVENTO, 2007: p.169-170).*

A cidade passa então por uma série de mudanças, tais como, melhoria dos serviços públicos, bondes, iluminação, abastecimento de água. Todas estas mudanças só foram possíveis porque a cidade contava com uma elite detentora de capital disponível para ser aplicado na modernização da cidade.

*A República havia trazido a Porto Alegre, com suas ideias positivistas, a meta da modernidade urbana e da organização disciplinada do espaço, de acordo com os ideais do progresso econômico e da ordem burguesa. Sonhos de mudança a serem aplicados numa cidade ainda acanhada, mas que almejava mudar (PESAVENTO, 2007: p. 172).*

E foi neste período de desenvolvimento e melhoramento de Porto Alegre que se iniciou a história do Sport Club Internacional, fundado no dia 04 de abril de 1909. Três paulistas, chegados a Porto Alegre em 1908, Henrique e José Thomaz Poppe Leão e Luiz Madeira Poppe, não conseguiam ser aceitos como sócios nos clubes já existentes na cidade, por isso, decidiram fundar seu próprio clube, já que queriam muito praticar esportes.

Estudos mais recentes, feitos pelo conselheiro do clube, Tiago Vaz, trazem uma nova versão para a história do “colorado”. Segundo ele, Henrique Leão Poppe foi o grande idealizador do novo clube. O conselheiro afirma ainda, que Poppe não era um comerciante paulista, era um jornalista fluminense, ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Sua pesquisa

revela ainda que a fundação do Sport Club Internacional nada tem a ver com a não aceitação dos Poppe como jogadores dos times já existentes. Segundo ele, a fundação se deu a partir do ideal contrário à elitização do esporte.

Cláudio Dienstmann (2000) nos dá um panorama bastante amplo das principais características do clube porto-alegrense. Segundo ele, o Internacional foi o pioneiro na profissionalização dos clubes de futebol no Rio Grande do Sul, pois valorizava seus jogadores, suas categorias de base, fez questão de construir um patrimônio próprio, criou espaços para negros, trabalhadores e pobres.

A partir de 1910, surgiram muitos outros clubes. Esse aumento dos clubes de futebol faz vir à tona a necessidade de uma maior organização do futebol no país. Surgem os campeonatos regionais. Cada vez mais o esporte passa a ser popular no Brasil, despertando maior interesse da grande massa da população, especialmente a partir dos anos 20. O futebol a partir de então, passou a ser “algo nosso”, servindo como referência principal de identidade nacional. Nada une mais o país do que um jogo da Seleção Brasileira de Futebol.

*No Brasil, costuma-se a avaliar a sociedade pelo desempenho da seleção, sobretudo em épocas de Copa do Mundo, quando o que se tem, de fato, são nações reunidas num confronto no âmbito do esporte. Se a seleção vai bem, há mais otimismo e tende-se a valorizar o potencial do povo brasileiro, sintetizando na imagem do herói pleno de atributos que se convencionou conhecer como tipicamente nacionais. Se, ao contrário, sobrevém uma derrota, os valores anteriormente exaltados são então interpretados contendo os germes do insucesso (ANTUNES, 2004: p. 277).*

Na década de 20, além da popularização, o futebol nacional passa por um processo de profissionalização. Surge a partir de então, os jogadores operários. Estes operários trabalhavam nas indústrias, e começaram a jogar nos times das empresas, por incentivo dos donos das mesmas. Com o sucesso do esporte no país, estes donos viram a chance de divulgar seus produtos. Os jogadores que se destacavam nos times das empresas, ganhavam diversas vantagens, como prêmios por vitória (popularmente denominados “bicho”), dispensa para treinos e trabalhos mais leves.

*Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve. (...) Os garotos que jogavam no largo da igreja sabiam que, quando crescessem, se fossem bons jogadores de futebol, teriam lugares garantidos na fábrica. (...) Depois de trabalhar muito, e*

*principalmente, de jogar muito, o operário-jogador ganhava o prêmio da sala do pano. E podia ser ainda melhor se continuasse a merecer a confiança da fábrica, do Bangu. Havia o escritório, o trabalho mais suave do que na sala do pano. E o ordenado maior (FILHO, 1964: p. 84-89).*

Esta popularização do futebol, inquietava a elite que até então dominava o esporte, pois o futebol passou a contar com jogadores negros, e de origem humilde. A ideologia dessas elites era a de que a prática do futebol deveria ser apenas por divertimento, e não como um “emprego”. Isso fez com que esta elite, até então dominante no esporte, abandone a prática do futebol, passando para a gestão dos clubes, como acontece até hoje.

*Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro (FILHO, 1964: p.126).*

O futebol teve um forte papel na formação da identidade nacional. Isso pelo reconhecimento do Brasil como o país onde o esporte melhor se difundiu. Era a prova de que nós, brasileiros, eramos bons em alguma coisa que, até então, não era nossa, mas vinda de um “mundo civilizado”. Em épocas de Copa do Mundo, todos são torcedores não apenas de um time de futebol, mas da Seleção Brasileira. É um time sim, mas um time que defende as cores da bandeira nacional. A Seleção Brasileira representa a afirmação de nacionalidade, pois está jogando contra outro país.

### **A Mulher no Espaço do Futebol**

Com o avanço das conquistas feministas, alguns aspectos relacionados à vida da mulher, foram sendo tratados de forma mais aberta. Sua participação no esporte foi um destes aspectos, mas sempre rodeado de dificuldades e preconceitos. Como exemplo, podemos citar o futebol. Este esporte, desde sua origem, foi marcado por uma maciça presença masculina. Como este espaço não é apenas um espaço esportivo, mas também social, os valores da sociedade tiveram um reflexo marcante na constituição da idéia de que futebol não era um espaço feminino.

A discussão entre espaços femininos e masculinos vem sendo trabalhada ao longo do tempo, nas mais diversas sociedades. Essa dicotomia sempre existiu, e a própria sociedade, especialmente o meio familiar, até nos dias de hoje, faz com que ainda exista esse tipo de distinção. Este aspecto pode se reafirmado por um depoimento dado em 2004, pelo então técnico da Seleção Brasileira Feminina de Futebol, Renê Simões. Na véspera da partida final dos Jogos de Atenas, o técnico deu uma declaração a uma emissora de televisão, pedindo desculpas a suas três filhas, por nunca ter lhes dado de presente uma bola de futebol, e por nunca tê-las ensinado a jogar.

As mulheres sempre estiveram envolvidas neste esporte, no Brasil, de diversas formas. Tanto nos bastidores, como jogadoras amadoras. O esporte, nesta época, tinha um caráter mais social, pois era um divertimento das elites brasileiras. Fazia parte dos “eventos” de domingo.

Capellano (1999) nos mostra que as mulheres tiveram um papel precursor em relação às torcidas de futebol. O termo “torcer” foi incorporado ao futebol brasileiro devido ao modo como as moças das boas famílias se comportavam nestes eventos.

*Foram as mulheres, aliás, que consagraram a expressão “torcer”. Como não ficava bem para uma dama se descabelar, gritar, chorar, com seu time de coração, elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão. O hábito as fez ficar conhecidas como “torcedoras” e não demorou muito para o termo ser adotado para designar todos aqueles que compareciam com frequência às partidas no intuito de incentivar as equipes (CAPELLANO, 1999: p. 28-29).*

Mas à medida que o esporte foi se popularizando no Brasil, houve uma mudança radical em relação aos espectadores das partidas de futebol. Saíram de campo os jogadores vindos das famílias mais abastadas, e entraram em cena jogadores que eram escalados por seu talento, e não por seu sobrenome. Com isso, a elite deixou os gramados e também as arquibancadas, mas não o futebol, ela passou então a ter outra forma de participação, controlando e dirigindo os clubes. Mesmo com a mudança de “estilo” dos espectadores, as mulheres continuaram acompanhando o futebol, claro que não mais as mocinhas da aristocracia, mas “outras mulheres”.

Gradativamente, as mulheres passaram das arquibancadas para os gramados. Em 1940 já havia notícias de partidas de futebol disputadas por mulheres<sup>2</sup>. Mas nesta época, viviam-se tempos de autoritarismo político no Brasil, e a heugenia fazia do corpo uma questão de Estado. Era preciso mulheres com corpos saudáveis para gerarem filhos saudáveis, contribuindo assim com a Nação.

Depois disso, aos poucos, o futebol praticado por mulheres foi se consolidando no país, com a criação de times femininos e também da Seleção Brasileira Feminina de Futebol. Mesmo com as conquistas que as “meninas do Brasil” alcançaram o futebol feminino ainda enfrenta muitos problemas. Além da discriminação, há a falta de patrocínio aos times e às jogadoras, em contraste com o futebol masculino, que nos faz conviver com cifras cada vez mais assustadoras.

Mas e a mulher como torcedora de futebol? Aos poucos, as mulheres foram ganhando espaço no campo de futebol, como torcedoras, como entendedoras e como debatedoras do até então “esporte de homem”. Hoje em dia vemos mulheres em diversos espaços do esporte, como jogadoras, como jornalistas esportivas, como árbitras, como técnicas, espaços estes, inimagináveis até bem pouco tempo atrás.

Segundo a autora Costa (2007: p. 22), nunca o termo “futebol é coisa de homem” esteve tão em baixa. Para ela, a mulher como “ser que torce” está se tornando cada vez mais comum em nosso meio, tanto em espaços como as arquibancadas dos estádios, quanto nos espaços virtuais da internet. Ela nos mostra que: “Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados”.

Assim como em tempos mais antigos, ainda há, hoje em dia, uma série de preconceitos quanto à mulher que gosta de futebol. Para os homens, parece impossível que uma mulher possa gostar do jogo em si e as acusam de estarem atentas ao esporte apenas por interesse em

---

<sup>2</sup> Mesmo antes de 1940, já havia registros de partidas disputadas entre mulheres no Brasil. O historiador José Sebastião Witter afirma, na década de 90, em nota de rodapé ao texto *Breve História do Futebol Brasileiro*, que o primeiro jogo feminino que se tem notícia foi disputado em 1913, entre os times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, em São Paulo.

jogadores, como se elas não fossem capazes de observar, além da beleza de determinado jogador, sua capacidade técnica também. Outra questão preconceituosa é a referência que fazem a feminilidade destas mulheres, colocando em dúvida sua opção sexual.

Nos dias de hoje, há um infinito número de torcidas organizadas especificamente femininas espalhadas por todo o país. Como exemplo, temos a Jovem Fla Pelotão Feminino (Flamengo - RJ), Dragões da Real (São Paulo Futebol Clube - SP), Galoucura Feminina (Atlético Mineiro - MG), Camisa 12 (Vasco da Gama - RJ), Mulheração (Volta Redonda - RJ), Gatas da Fiel (Paysandu - Pará), Força Feminina Colorada (Sport Clube Internacional – RS), entre outras.

Enfim, em se tratando de um país onde o futebol tem relação direta com o sentimento de identidade nacional, temos que pensar o quanto ainda precisa ser conquistado pelas mulheres dentro desse “campo”. O futebol é um espaço de sociabilidade e de liberdade, onde as mulheres também têm seu lugar.

## **Memórias de Mulheres Torcedoras de Futebol**

Como instrumento de pesquisa, montamos um roteiro de entrevistas semi-estruturado, para contemplarmos mais especificamente os aspectos que nos interessavam. Nosso objetivo foi o de compreender como se deu o processo de construção de identidade da mulher torcedora de futebol. Para isso trabalhamos com questões referentes ao surgimento e o significado dos clubes em suas vidas, as relações familiares e sociais relacionadas com seus clubes de futebol.

Apresentamos a elas ainda perguntas a respeito dos rituais de cada uma na hora de torcer, suas alegrias e tristezas ao longo de suas trajetórias como torcedoras e seus ídolos de referência. Trouxemos ainda uma questão especificamente sobre a mulher, perguntando o que cada uma delas pensa sobre a participação da mulher no espaço do futebol.

Selecionamos cinco colaboradoras, tentando abranger diferentes faixas etárias, ocupações e relação com os clubes. Nossa faixa etária variou entre 27 e 61 anos de idade. Quanto às ocupações, entrevistamos duas funcionárias de universidades, uma secretária e uma professora. Contamos ainda com a participação de uma funcionária de um clube de futebol,

que trabalha a 37 anos no clube. Para finalizarmos, entrevistamos duas gerações de uma mesma família, mãe e filha, que trabalham como voluntárias em ações de outro clube.

Com estas entrevistas percebemos semelhanças nas respostas de algumas perguntas. As mais comuns foram em relação ao surgimento do clube em suas vidas e ainda a respeito das relações familiares. Estas duas questões estão diretamente relacionadas uma à outra, pois todas elas torcem para seus clubes em função destas relações familiares e sociais. A maioria delas nos apresentou a família como fator fundamental para a escolha do clube. Apenas em uma delas esta relação se deu de forma diferente, pois a escolha do clube se deu por conta de relações de amizade, e não familiares.

Quanto ao significado dos clubes em suas vidas, obtivemos diversas respostas. Elas fazem referência à garra, à história do clube, suas raízes, à paixão, o orgulho e trabalho.

Para tentarmos perceber o envolvimento de cada uma delas com os jogos de seus times, apresentamos uma questão referente aos rituais de torcedoras de cada uma delas. Aqui, as respostas foram bastante vastas, pois cada uma delas apresenta características diferentes do ato de torcer. Uma delas destacou sua “evolução” como torcedora, pois foi ficando mais participativa ao longo dos anos. Outra nos diz que não é muito religiosa, mas que mantém um altar em casa, com divindades que ela acredita, e que faz oferendas em dias de jogos importantes.

Mãe e filha nos mostraram características semelhantes em relação às formas de torcer, certamente por sempre assistirem aos jogos de seu time juntas, normalmente no estádio. Ambas fizeram referência a certos “amuletos”, como camisetas e roupas do time que torcem e ainda portões de entrada no estádio (alguns dão sorte, outros não). Nossa funcionária de clube normalmente trabalha durante os jogos, mas também demonstra certos rituais, como o de sempre usar roupas e acessórios na cor do time, mesmo quando está de folga. Ela destacou ainda a preparação para o dia de jogos importantes – a concentração em família.

Pudemos perceber ainda que as memórias relacionadas às alegrias e tristezas fazem referência às conquistas mais recentes dos times, pois a maioria delas nos fala dos últimos títulos conquistados por seus clubes. Já em relação às tristezas, elas apontam algumas derrotas, especialmente contra rivais. Uma delas nos diz claramente que perder pra um time qualquer,

tudo bem, mas perder para o rival é inaceitável. Quanto aos ídolos, as respostas, de forma resumida, nos trazem a presença de jogadores vitoriosos e com características semelhantes, como liderança, caráter, seriedade.

Nossa última pergunta foi a que tratava especificamente da questão da mulher no espaço do futebol. Todas elas destacam que houve evolução nos últimos tempos, mas que ainda há muito a ser conquistado e que o preconceito em relação à participação das mulheres neste campo ainda é grande. Uma delas faz uma comparação entre os dias de hoje e a época de sua mãe, que era frequentadora de jogos de futebol, pois o marido era goleiro de um time. Nesta fala, temos a confirmação do que apontamos anteriormente, pois nossa entrevistada reafirma que o jogo de futebol era um acontecimento social e que as mulheres participavam dele sim, mas sempre acompanhadas.

Outra colaboradora diz que as mulheres estão cada vez mais conquistando espaços, não só no futebol, e que isso assusta os homens. Ela afirma ainda que as mulheres não conseguem mais espaço no futebol, profissionalmente falando, porque os homens fecham as portas para elas.

Nas respostas surgiram ainda lamentos pelo pouco número de torcedores para o futebol feminino. Mas comemoram o espaço conquistado nas arquibancadas e também dentro dos clubes, em ações sociais e até mesmo nos Conselhos Deliberativos de alguns clubes.

No final das entrevistas deixamos que cada uma delas fizesse alguma consideração que achasse importante e que não havia sido contemplada nas perguntas apresentadas. Nossa colaboradora que trabalha em um clube de futebol a muitos anos, destaca as mudanças que o futebol vêm sofrendo ao longo dos anos. Para ela, a competição monetária e as grandes cifras acabaram estragando o esporte, pois o foco não é mais o futebol em si, mas sim o dinheiro.

Duas de nossas entrevistadas falaram ainda de sua preocupação com a violência nos estádios, e ainda sobre a rivalidade exacerbada entre a torcida dos clubes. Como positivo, destacaram as campanhas vinculadas na imprensa, que vêm contribuindo para a diminuição da violência nos estádios. Uma delas apontou a presença de crianças nos campos de futebol como fator de conscientização contra a violência.

### **Considerações Finais**

Em nossos estudos, percebemos que a mulher sempre fez parte do universo futebolístico, mas inicialmente, este papel era desempenhado de forma discreta, como agentes de um evento social, tal qual ocorria no início do século XX. Aos poucos, fomos percebendo mudanças quanto a esta participação. Com o tempo, as mulheres passaram a gostar, a entender e a jogar futebol, ato que foi inclusive proibido pelo governo de Getúlio Vargas.

Em relação ao campo específico da torcida, pretendíamos verificar como se construiu a identidade clubística destas mulheres. Para isso, trabalhamos com um roteiro de entrevistas, previamente estruturado, que abrangia questões-chaves para tal compreensão.

A pesquisa nos oportunizou perceber que a ligação com seus clubes, na vida de cada uma delas, esteve diretamente vinculada à família e às relações de amizade. Normalmente os pais eram torcedores, ou amigos muito próximos, que passaram esta paixão adiante. Para algumas, a reafirmação desta paixão ocorreu no momento em que tomaram conhecimento da história do clube e suas raízes históricas.

Hoje em dia vivemos tempos em que tudo é muito fugaz, passageiro, mas isso não pode ser aplicado à relação de um torcedor com seu clube do coração. Todas as nossas entrevistadas reafirmaram em seus depoimentos a sua identidade clubística, explicando inclusive que tal escolha nunca foi questionada.

A categoria de análise onde obtivemos mais amplitude nas respostas foi a que tratou do significado dos times na vida de cada uma delas. Elas fizeram referência à garra, à história do clube, suas raízes, à paixão, ao orgulho, ao trabalho e, ainda, às relações que o futebol estabelece entre as pessoas.

Nossas entrevistadas ainda nos falaram sobre seus rituais de torcedoras. Essa questão trouxe à tona toda a superstição que está ligada ao futebol. Cada uma delas, a sua maneira, demonstrou que o “torcer” tem diferentes modos de se concretizar. Algumas têm rituais religiosos, mesmo com santos, digamos, “alternativos”, outras demonstram sua superstição através de roupas, camisetas, ou apenas peças de roupas na cor dos times.

Outros questionamentos foram a respeito da admiração pelos ídolos e suas alegrias e tristezas. Todas elas fizeram referência grandes ídolos de seus times. Ficou bastante claro o porquê do destaque para estes jogadores, normalmente capitães em épocas vitoriosas dos times. Os

ídolos apontados por nossas colaboradoras apresentavam características em comum, apontadas por nossas entrevistadas, como liderança, bom caráter, humildade, cultura e também pela beleza.

Trabalhar com a temática do futebol nos fez perceber o quanto este esporte já faz parte da vida das pessoas, especialmente, das mulheres. Vivemos tempos em que as mulheres além de torcedoras de seus clubes, gostam, entendem e discutem futebol. É uma pena que isso ainda seja visto com preconceito pela ala masculina, pois, para eles, uma mulher não pode simplesmente gostar de futebol e muito menos entender.

Temos muitas críticas ao futebol de hoje em dia, especificamente referente às transações milionárias de jogadores. Para nós, o futebol, há muito tempo deixou de ser um esporte popular. Prova disso são os preços dos ingressos nos estádios. Mas não podemos negar o fascínio e a paixão que tal esporte desperta nas pessoas. É justamente esta paixão e este fascínio dos torcedores que movem o futebol hoje em dia.

Trabalhar com as memórias destas mulheres torcedoras nos fez perceber que o ato de torcer é individual, mas ao mesmo tempo é algo coletivo, pois todas elas, diferentes entre si, se tornam tão iguais quando se trata do seu amor por um time de futebol. Iguais a nós também, pois à medida que íamos conhecendo suas histórias, íamos nos reconhecendo naquelas falas, e percebendo que, quando se lida com paixões, somos todas (os) muito parecidas (os).

### Referências Bibliográficas

ANTUNES, Fátima M. R. F. **Com Brasileiro Não Há Quem Possa!** São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CAPPELLANO, Renata. *O torcedor de futebol e a imprensa especializada*. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 2, nº4, nov. 2006/fev. 2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br>. Acesso em: 13 out. 2008.

DIENSTMANN, Claudio. **Sport Club Internacional: História de Uma Paixão**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

FILHO, Mário Rodrigues. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 25, nº 50, dez. 2005, p. 315-328. ISSN: 0102-0188. Disponível em: <http://www.scielo.br/rbh>. Acesso em: 15 jan. 2009.

GONÇALVES, José Esmeraldo. Esporte e Poder. In: DIEGUES, Gilda Korff (org.). **Esporte e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1985.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **O futebol e o jogo do bicho na “Belle Époque” carioca**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

MATOS, Maria Izilda S. de. Outras Histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOLER, Maria Angélica (orgs.). **Gênero em Debate: Trajetória e Perspectivas na Historiografia Contemporânea**. São Paulo: Educ, 1997.

MELO, Victor Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 27, nº 54, 2007.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2001. 125 páginas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

NEEDEL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Espaço, Sociedade e Cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre. In: RECKZIEGEL; AXT, Gunter (orgs.). **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007.

ROMANI, Jacqueline Pitanguy de. Mulher: natureza e sociedade. In: LUZ, Madel (org.). **O lugar da Mulher**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

SOARES, Juliano. Beleza Feminina no Beira Rio. **Revista do Inter**. Porto Alegre, ano 5, nº 44, out. 2009.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, 2007, vol. 27, nº 54, p. 281-300.